

Centro de Estudos do Humanismo Crítico
Portugal & América Latina

UMA QUESTÃO CHAMADA

PODER

//////////

**Realidade & Loucura
No Poder Seco
&
Uma Filosofia Amorosa**

//////////

**QUE SOLUÇÕES
PARA A CRISE?!...**

Atualidade Sociopolítica & Econômica Mundial

////////

www.noetica.com.br

noetica@uol.com.br

Centro de Estudos do Humanismo Crítico

CEHC Portugal & América Latina

////////

**Realidade & Loucura
No Poder Seco**

&

Uma Filosofia Amorosa

Ou: a vera questão da Pessoa, singular e plural,
em torno da obra de Manuel Reis.

J. C. Macedo, Marta Novaes,
Johanne Liffey, Mariana d'Almeida y Piñon,
João Barcellos, Mário G. de Castro.

[Organização: Maria C. Arruda]

2011

“nem sempre com amor
mas por causa desse ato
nascemos vivemos e morremos”

Marc Cédron – “paradoxos” in *Amor...*

Quando observamos a Nação como foco de uma Narrativa idealizada, devemos observar a Sociedade e os seus campos ideológicos, políticos e místicos, como uma Linguagem onde coexistem a Realidade e a Loucura, e ambas numa plataforma de máscaras/personas que impedem a Verdade.

“As tecnologias de informação e comunicação são tão modernas no Séc. 21 que a Humanidade gira em torno de si mesma como se mil e uma nações fossem uma aldeia sob o chicote de uma elite politicamente autodenominada... Tal idéia também existiu nos Séculos 16 e 17 quando as caravelas luso-castelhanas, após a odisséia breve das aldeias [juncos] flutuantes da China, abriram caminhos marítimos e determinaram, de uma vez por todas, ser a Terra uma esfera e não um ‘quadrado místico’, e que povos outros viviam naturalmente além da prepotência ‘branca’ dos ocidentais igrejistias e esfomeados de mitos e riquezas. Entre bélicas misérias e miseráveis catequizações os povos da Humanidade encontraram-se quase que plenamente nos Séculos 18 e 19, e nunca a Humanidade deixou de ser uma aldeia de interesses locais e internacionais com as loucuras econômicas acaudilhadas no chicote político imperialmente brandido”, escreveu *J. C. Macedo*.

Para celebrar a ‘aldeia’ singular e plural que somos buscamos filosofar em torno de um mestre: *Manuel Reis*.

Diálogos 1

A *manifestação intelectual autônoma* é um ato raro. Sim, “e quem se manifesta intelectualmente, i.e., através da literatura, do teatro, do cinema, da dança, do canto, etc. e etc., vivencia em pleno Século 21 uma camisa de forças construída pelo Poder instituído que, por sua vez, manifesta-se através de uma Estética política policialmente orientada: o ideal do Poder é *estar Poder*, sejam quais forem as forças partidárias que o compõem, à direita ou à esquerda, e esse ideal confronta-se com a Liberdade que cada Pessoa possa demonstrar nos seus afazeres diários, pior quando ela se manifesta com uma ação intelectual autônoma..., uma clara confrontação com ‘a estética do ser que não o é, como o Poder da força seca porque autoritária e criminoso!’ , como costuma dizer o jornalista *João Barcellos* em suas palestras”, anuncia a professora *Mariana d’Almeida y Piñon*, após a releitura em grupo do livro *AMOR / do espírito da sensação em poesia e prosa poética*, do qual é uma das autoras.

Por que a Universidade está longe do filosofar que é base das ações lítero-culturais da *Intelectualidade Autônoma* que respira Liberdade em qualquer lugar? Será que a Realidade que somos e construímos pode ser ‘lida’ pelo Poder como uma Loucura que estorva a dinâmica anti-humana do absolutismo ideológico? Será que a Pessoa-Poder perde a sensibilidade da manifestação de pura humanidade quando alcança o tapete vermelho e vira Animal Político, tanto à esquerda como à direita? E, por isso, a Universidade pratica a retórica do Poder que lhe dá bases de sustentação e fica tão distante do Povo que tem este como manifestação da Loucura diante da [sua] Realidade...?! Percebe-se que a Realidade acadêmica não é socrática, não busca a dinâmica do progresso e do bem-estar geral, mas o da elite, então, é tão platônica que nega Sócrates, como Paulo nega e trai Jesus, ou como a Religião feita Estado nega o Amor para ser Objeto de escambo. “No livro *Sócrates e Jesus: Esses Desconhecidos!*, o filósofo *Manuel Reis* fala-nos da Ética que deve ser percebida, entendida, vivida como suporte único da e para a Verdade, e nessa Lição o mestre ensina que não existe Poder que possa cortar a

ação autônoma humana: pode isolar, pode manter longe, mas nunca poderá derrotar, porque a Verdade sempre faz alcançar o prazer da Vida, que é o contrário da Morte anunciada pelos poderes instituídos com esse propósito político e religioso; e relemos a Lição no livro *Linguagem/Poesia/Música* quando através dele questionamos o estatuto (oficial) dos mortos-vivos e/ou loucos em que o Poder ensaca o Povo e a Intelectualidade Autônoma. E, nesta ótica cultural, a Universidade é um quintal do Poder que se torna barreira sociopolítica”, diz a jornalista *Marta Novaes*, que lê *Pensamento Conformista*, breve ensaio da médica *Johanne Liffey*, e *Teatro - Arma Pacífica Da Revolução Social*, em torno de uma tese do professor *Álvaro Laborinho Lúcio* que propõe um teatro vivo em pleno *campus* acadêmico e até como foco para provocar a própria academia na sua mesmice pedagógica e institucional. A questão encontra-se em aberto no vigoroso ensaio *Em Torno De Ivan Illich*, também de *Reis*, no qual o autor proclama a urgente autonomia que deve constituir a Educação voltada para a Paz, o Amor e a Liberdade, na contramão da retórica elitista do absolutismo que se rege sob vestes (ditas) democráticas.

“É no dia a dia que tecemos um filosofar que desconhece fronteiras, e até a pessoa isolada por ela mesma ou por uma loucura ‘atestada’ clinicamente aprende a manifestar, em gestos e palavras, aquela Humanidade que *Sócrates* e *Heidegger* tinham (ou melhor, têm, porque estão ‘vivos’, são lidos) como Humanidade que o é quando está, isso mesmo que continuamos a ler em *Manuel Reis* e outros raros filósofos do nosso tempo”, escreveu o poeta *J. C. Macedo* em referência ao livro *Linguagem/Poesia/Música*, daquele pensador português. “Pois”, continua ele, “conforme *Reis* nos diz, existe já uma cultura humana autônoma que é fruto da singularidade e da pluralidade da própria Humanidade, uma cultura que gera, em cada nova idade/era, a *manifestação do ser que o é pela liberdade que constrói*, o que para quem defende a ‘cena’ filosófica acadêmica é ‘loucura’, e para quem ama e batalha pela Liberdade é pura manifestação de Amor”.

“eu quero ir

minh´alma ouviu
paixão de querer ir
sem ter de vir”

- in *Amor...*

“A razão e a desrazão que nos assistem nas manifestações psicológicas que construímos em cada passo que damos são um processo personalíssimo, mas, também plural, porque enquanto somos a Pessoa sensível queremos o Tudo para o Todo, e só passamos a estar Animal Irracional no instante em que sobrepomos o Eu absoluto ao Todo seqüestrando o Tudo. É tênue a fronteira entre a Realidade e a Loucura, no entanto, ambas coexistem nas vivências que nos fazem ´pensar´ que uma Pessoa pode estar-ser mais do que outra(s) Pessoa(s); também, o instante gerador da psicose que transporta o Todo seqüestrado pode passar da Individualidade para a Coletividade: é quando vivenciamos a Loucura que seqüestra a Realidade e transforma a Sociedade em uma massa sem Intelectualidade autônoma, sem espaço-tempo para o Diálogo que cria as rupturas para a Liberdade”, pensa *João Barcellos* ao ler o ensaio de *Liffey* e focar o assunto numa realidade que lhe é próxima [v. *Ordem & Sociedade*] e a carrear aqui a análise de *Reis* [v. *Na Crise...*] acerca das “estruturas societárias [...] marcadas por uma hierarquia de comandos e subordinações [...] uma fortaleza inexpugnável”, ou seja, a Loucura social e politicamente assente no Poder que trata as massas como objeto de interesses ´contratados´ pelas elites e os seus propagandistas de plantão. O assunto foi abordado poeticamente pelo psiquiatra e ecólogo *Marc Cédron* no opúsculo *Amor*, e isso deu a ´deixa´ para o próprio *Barcellos* aprofundá-lo.

Sabemos que “o Amor e a Esperança, movem quaisquer obstáculos que surjam a uma Pessoa na demanda da Liberdade”, como gosta de dizer o foto-jornalista *Mário G. de Castro*, mas também sabemos que, e ouvimos de *Johanne Liffey*, “aquela ´eterna´ esperança de quem não alcança... desvia comportamentos, facilita a alucinação, assim como facilita ´pegar´ o rumo do conforto político na aliança com quem antes se combateu e cair na gandaia da corrupção social e política, porque ´deus´ assim o quis”. Eis por

que precisamos ler com atenção a Lição de mestres como *Manuel Reis* e não trocar a razão pela desrazão.

Sendo “[...] a Vida um processo que gerenciamos, e tanto melhor quando o fazemos com Amor, independentemente dos espaços ideológicos que ocupamos ou buscamos, um dos alicerces da Felicidade está no desenvolvimento sociocultural do Eu que se reconhece também entre Outros (na Comunidade), logo, que opera as vivências com conteúdo filosófico para expandir o Eu humanizador e não para se deixar ficar sem identificação no meio das massas e à mercê de interesses que lhe são politicamente alheios, como os do Poder seco [...]”, diz *Johanne Liffey* a citar parte de uma palestra de *Cédron* feita em Salamanca, em 1975, e transcrita por *Macedo* em panfletão mimeografado pelo grupo *TJIA*. Entretanto, a médica enfatiza o que o grupo *VyF* ensina – a saber: *Hay dos acciones que convergen a una Ética de humanización y no corporativa: la Verdad y la Libertad. Por lo tanto, cada Persona debe encontrar en sí misma la Fe universal para el contacto con el mundo.* Eis a Realidade que encontramos em *mestre Reis* e que ele demonstra em seus escritos e conferências. Retornemos a *Liffey*: “O que um filósofo fala nem sempre é o que esperávamos escutar, porque o vero Filósofo não fala a língua comum nem sequer coexiste com a língua acadêmica, ele é o pêndulo entre a razão e a desrazão, pelo que, como já observou *Macedo* em estudo sobre o *Império*, de *Negri & Hardt*, ‘o filósofo deve preocupar-se com o hoje tendo as balizas do passado que já diziam do amanhã’, e isso era a base do Diálogo socrático, que também foi ação em *Espinoza* e que, recentemente [Anos 70 do Séc. 20], *Michel Foucault* reintroduziu no meio acadêmico para estabelecer uma fronteira sadia entre a clínica médica que trata o problema mental e a ditadura profissional proposta pelos cursos de especialidade pelos quais ‘o doutor é o dono da verdade’. Ora, a questão não é apenas ‘profissional’, ela é tão social e política quanto a promoção eleitoral de um corrupto ou de um sociopata a ministro de Estado..., e aqui entra de novo a questão mental-ideológica do Poder seco, porque rara é a Pessoa-Política que não gera em si a Pessoa-Animal para ‘estar’ acima, poder olhar sobre os ombros, tirar vantagens, promover a Guerra e distorcer os esforços de Paz, só lhe interessa ‘estar’ elite, longe da multidão que lhe é ‘massa de manobra’ e perto dela no ato eleitoral. É esta Verdade que está na Lição do *mestre Reis*, repetida ‘n’ vezes nos seus livros. Ora, para evitar a desrazão temos de saber atuar razoavelmente conhecendo muito bem o hoje que temos em mãos... É uma atitude sociocultural que interessa ao Eu e à Comunidade”.

As paixões dominam momentos importantes do Eu, é certo, e mais certo é o Eu poder vivê-las sem ter que retornar, ou seja, fazer da Vida uma construção amorosa e permanente de Amizade e de Paz.

É difícil imaginar uma Pessoa em tal estado de graça? É, é difícil, e a professora *Piñon* diz que “a busca da Felicidade amorosa é (ou deveria ser) a mesma que nos leva à política e à educação, porque a não existir esta plataforma de entendimento não prevalecerá a Razão, e sim a Não-Razão que leva a situações belicosas e até à insanidade mental. Quando a Pessoa se percebe feliz deve batalhar para reconstruir esse momento dia após dia”. Até por que é justo que a Vida seja celebrada pelo Eu que aprende a se manifestar em Sociedade livre, autonomamente; um Eu que sabe que o Tudo é tão transitório quanto a Vida animal e vegetal. Por isso, e para eternizar a estupidez, é que o Poder revela-se esteticamente como símbolo/máscara diante do Povo politicamente analfabeto: e assim, esse Povo mantido à distância passa a ser o que *La Boétie* diz ser uma “servidão voluntária”.

Mário G. de Castro, ao ouvir a professora, lembra que *Marta* também manifesta idêntico pensamento e pega carona em *Reis* ao citar “tudo se acha ligado a todas as coisas” [v. *Honest to Gods – Já não... Honest to Humans – Ainda sim!*], frase também muito utilizada pelo professor *Figuera de Novaes*, fundador do VyF e outro defensor do jesuanismo que *Reis* interpreta em suas obras.

Ao falar de Liberdade e de Democracia *Espinoza* ensina[va] que “A finalidade do Estado é a Liberdade”, mas, como sabemos por *Reis*, o Estado ‘democrático’ é construído com pilares do absolutismo ideológico onde o Justo e a Justiça não têm vez e a Comunidade continua como ‘massa de manobra’ política e econômica no mais puro estilo imperial: é “a hipocrisia institucional que ilude o Povo com ‘pão e circo’ e ainda o faz pagar com uma carga tributária implacável”, na versão de *Barcellos*. O psicanalista *Lacan* diz que existe uma alteração no psiquismo no momento em que uma Pessoa, de alguma maneira, alcança e toma o Poder; o que, em uma recente afirmação de *Liffey*, a citar um texto de 1983 do poeta *J. C. Macedo*, sobre “a máscara pseudo revolucionária de uma esquerda que é direita no sonho e no poder”, pode ser esclarecido como “a arte de transformar a política numa clínica de cirurgia plástica para atender a demanda d[ess]a loucura que faz de psicopatas novos caudilhos”. Questão esta analisada no texto *Máscaras Metafísicas No Carnaval Político*, pelo CEHC-AL [v. *Palavras Essenciais, Vol 6*], e que ainda suscita observações

filosoficamente acaloradas entre grupos autônomos da Intelectualidade que aqui e assim se assume.

E, o que é *Poder Seco*?

Com o *mestre Reis* podemos dizer que Poder Seco é o vazio democrático, e podemos lembrar o *mestre Foucault* para definir a 'instituição' como um Bio-Poder, i.e., uma elite que se conserva ao largo das ideologias, mas a disciplinar/gerenciar globalmente a 'servidão voluntária' que [re]cria no sistema educacional das especialidades profissionais e no analfabetismo funcional.

Estamos, assim, diante de uma Desrazão que o é por ter seqüestrado a Razão e potencializado o fascismo na esfera das instituições político-administrativas. Por outras palavras: *a Realidade está mascarada para que a Loucura elimine os traços da Inteligência e isole a Intelectualidade Autônoma que pode criar a Revolução Social chamada Liberdade.*

Eis que "o Poder Seco é um crime político contra a Humanidade", como diz *Marta Novaes*, e devemos ler/escutar o *mestre Reis* quando nos avisa para estarmos no dia a dia com a atenção reforçada no exercício das ações de humanismo crítico.

"Enquanto não se admitir, intelectualmente, e aceitar, na *praxis* societária, em definitivo (na vida corrente dos Seres humanos em Sociedade), o primado do Saber sobre o Poder, os Indivíduos-Pessoas/Cidadãos e os governantes de turno (no seu encaço) nunca serão capazes de perceber (criticamente!) as sérias e justas preocupações/razões que os Anarquistas sempre tiveram e continuam a ter para defender a Anarquia e o Anarquismo e, bem assim, edificar, *eo ipso*, a DEMOCRACIA radical, i.e., a DEMOCRACIA digna do nome", alerta *Manuel Reis* em seu ensaio científico *Em Busca De Outra Humanidade* [v. noetica.com.br]. O que está "em causa, entre as máscaras que nos cercam diariamente, é o despotismo iluminado que reconstrói caudilhos políticos e igrejistas", como diz *Macedo* na sua análise à obra citada e com aquele brilho intelectual de anarquista autêntico que lemos/ouvimos em *A Vida Em Construção*, o conto em que ele celebra a odisséia filosófica e política de *Manuel Reis*.

Diálogos 2

O que entendemos por *Filosofia Amorosa*?

Ora, gente boa e... gente má... “[...] o nosso batalhar por uma Sociedade Justa é um diálogo permanente e fraternal com a Pessoa e sua Comunidade – isto é a filosofia amorosa!”, anuncia *Marta Novaes* ao observar que o termo é alvo de algumas interrogações. Na sua viagem filosófica de si para os outros e entre os outros, o que fazia *Sócrates*? Paria [maiêutica] as idéias que fariam a ruptura geradora para a revolução sociocultural: “um parto de filosofia amorosa”, como diz *J. C. Macedo*.

Para as gentes do Oriente, quando se percebe/entende uma imagem ou uma situação deve-se esquecer a palavra, o que também é/era válido para segmentos tribais da África e da[s] América[s]; para as gentes do Ocidente, a palavra é o pilar da linguagem que transforma. Ao falarmos da *filosofia amorosa de Reis* falamos, também, do conteúdo imaterial que nos permite ir além da palavra escrita pelo desejo de se estar poética e cosmicamente.

E relembremos: a Pessoa constrói a Humanidade em si mesma através do diálogo socrático [v. *Diálogos*] e do mitsein heideggeriano [v. *Sein und Zeit*]. *Reis*: “Tinha, pois, razão Ortega y Gasset, ao desconstruir sistemas e filosofias académicas, procurando alvejar a função da Filosofia no processo de identificação e balizamento do Humanismo” [v. *Debates Paralelos*, Vol 3]. Quando “o pensamento heideggeriano traz a reflexão do Ser-no-seu-Tempo e tal Ser-aí [*dasein*] já contém o diálogo sempre surpreendente da Pessoa com outras Pessoas [*mitsein*], e ele reinventa a palavra socrática em meio aos conflitos ideológicos de um Ocidente que se debate histórica e belicamente, a reeditar aquela loucura corporativa de interesses elitistas e místicos da era grega que acabou por ferir a filosofia amorosa socrática”, como esclarece a professora *Piñon* a lembrar uma dica de *Macedo* sobre o mesmo tema.

A verdade é que “*Heidegger* apenas altera a geografia do berçário de *Sócrates*, pois, a conversa entre Pessoas é a via única, e isto também *Reis* sublinha em várias obras, para a construção diária de uma Filosofia amorosamente revolucionária em prol de uma Sociedade humanizadora, crítica”, diz *Barcellos*.

O mundo humano precisa de si mesmo para se preservar enquanto tal, logo, urge uma reflexão filosoficamente amorosa como a que *Manuel Reis* propõe entre os pilares socrático e heideggeriano com ponto na palavra jesuana autêntica, e sem mitos, sem dogmas, apenas com a Verdade.

Eis a nossa homenagem ao amigo e mestre ***Manuel Reis, filósofo do Amor e da Revolução Social.***

CEHC-AL, com a colaboração da médica irlandesa *Johanne Liffey* e do poeta luso *J. C. Macedo*.

São Paulo, Londres, Buenos Aires, via Web; 7-8-9 de Julho, 2011.

/////// **Bibliografia**

A VIDA EM CONSTRUÇÃO – MACEDO, J. C.. [Conto. Homenagem a Manuel Reis] Ed Edicon & CEHC-AL, Portugal e Brasil, 2010.

AMOR / do espírito da sensação em poesia e prosa poética – OLIVEIRA, Tereza; BARCELLOS, João [Org.]; CASTRO, Mário; PIÑON, Joana d'Almeida y; CÉDRON, Marc. Ed Edicon & Grupo Granja, São Paulo - Brasil, 1999.

DIÁLOGOS – Platão [429-347 aC] imortalizou-se ao registrar em livro os famosos diálogos do mestre Sócrates [469-339 aC], sua fonte de conhecimentos.

DISCURSO DA SERVIDÃO VOLUNTÁRIA – LA BOÉTIE, Etienne. Edit Brasiliense, 1982.

EL HOMBRE Y LA GENTE – GASSET, Ortega y. Obras Completa, T 7; Alianza Editorial - Madrid, 1983.

EM TORNO DE IVAN ILLICH – REIS, Manuel. [c/ introdução do CEHC-AL] Ed Edicon & CEHC, Portugal e América Latina, 2011.

HONEST TO GODS – JÁ NÃO... HONEST TRO HUMANS – AINDA SIM! – REIS, Manuel. Alpharrabio Edições & CEHC + TerraNova Comunic; Portugal e Brasil, 2002.

IMPÉRIO – NEGRI, Toni / HARDT, Michael. Exils, 2000.

LINGUAGEM/POESIA/MÚSICA – REIS, Manuel. Edição do Centro de Estudos do Humanismo Crítico [CEHC], Portugal-2002.

NA CRISE económico-financeira contemporânea em demanda de uma economia política digna do nome. REIS, Manuel. Ed Edicon & CEHC, Portugal e Brasil, 2009.

ORDEM & SOCIEDADE – BARCELLOS, João. TerraNova Comunic & Ed Edicon, 3ª Edição Revista e Ampliada - Brasil e Portugal, 2009.

PENSAMENTO CONFORMISTA – LIFFEY, Johanne. Breve ensaio tendo por base uma leitura do filme 'Il Conformista', de Bertolucci, in 'noetica.com.br', 2011.

SÓCRATES E JESUS: ESSES DESCONHECIDOS...! – REIS, Manuel. Ed Edicon & CEHC, Portugal e Brasil, 2001.

SEMINÁRIO – LACAN, Jacques. Edit Zahar, 1979.

TEATRO - Arma Pacífica Da Revolução Social [c/ Introdução de Manuel Reis e leitura/posfácio do CEHC-AL]; in 'noetica.com.br'. Ed Edicon & CEHC, Portugal e América Latina, 2011.

TRATADO TEOLÓGICO-POLÍTICO – ESPINOZA, Baruch. 1670 [a primeira edição foi publicada sem o nome do autor].

SEIN UND ZEIT – HEIDEGGER, Martin. Alemanha, 1927.

////// Referências

TJIA – Turma de Jovens Intelectuais Anarquistas, grupo fundado em 1972, em Braga, Portugal, por *Maria Augusta de Castro e Souza* [com o codinome “MAC”], professora de história, e que logo teve o poeta e jornalista *J. C. Macedo* [com os codinomes “Éolo Alexandre” e “Alex”] como membro da direcção, e outros jovens estudantes e professores como *Carlos Fonseca, Luciana Boaventura, Manuel Corte-Real, Elisa Campos e Isabel Aguiar*, com ligação directa ao grupo basco *En Vivo y Arte*, chefiado pelo jornalista *Ruy Hernández*.

VERDAD Y FRATERNIDAD / VyF – Grupo de intelectuales con autonomía e clandestino para debate y resistencia al fascismo político-militar y religioso, fundado en 1958 en Ecuador, con corresponsales en Chile, México, Brasil, España y Alemania. El núcleo fundador fue formado por la profesora María Vidal y el profesor, artista y ex sacerdote Figuera de Novaes, que en 2002 pasaran la organización a la nieta Marta Novaes, profesora y periodista, que sigue el movimiento intelectual en la Argentina en virtud de una “norma de convivencialidad: la Fraternidad existe en la comunión de sentimientos y acciones”.

Coleções Literárias CEHC/Edicon **DEBATES PARALELOS** Vol 1 [Temas Gerais], 2002; Vol 2 [Temas Gerais], 2004; Vol 3 [Igreja-Estado ou Religião], 2004; Vol 4 [A Palavra Jesuana, Textos Gnósticos & Outras Opiniões], 2007; Vol 5 [‘Q’ Jesuânica / Opiniões], 2009; Vol 6 [Educar Para Viver], 2010 / eBook – noetica.com.br;
PALAVRAS ESSENCIAIS Vol 1 [Políticas Educacionais + Cultura de Raiz = Projeto Nacional], 1ª e 2ª Edições, 2003; Vol 2 [‘Os Lusíadas’ Em Debate], 2004; Vol 3 [Revolução de 32: Coronel Herculano], 2008; Vol 4 [Manuel Reis: O Filósofo / A Crise], 2009 / eBook – noetica.com.br; Vol 5 [O Sentido Da Vida], 2010; Vol 6 [Humanismo, Educação & Justiça Histórica], 2011

QUE SOLUÇÕES PARA A CRISE?!...

CEHC/Portugal // Manuel Reis

Sobre a **CRISE** Financeira/Económica de 2007/8 – 2011, que é a **Crise** central e denunciadora do **Neoliberalismo** capitalista global das últimas duas décadas e meia. As bancarrotas iminentes da Irlanda, Grécia e Portugal, no espaço da U.E., apesar das ajudas financeiras do F.M.I., C.E. e B.C.E.. As agências de *rating*. A Ditadura (mundial/imperialista) do suposto '*Free Market*' e dos mercados financeiros, inexoravelmente marcados pela agiotagem especulativa. A miragem absoluta e a falsidade total dos **Regimes democráticos** e dos **Governos eleitos pelos Povos**. O fim da soberania dos **Estados/nações**, atingidos pelos défices orçamentais e pelas 'dívidas soberanas'.

**Axiomas evidentes à comum Inteligência crítica:
Doze Teses em nome da DEMOCRACIA!**

(que não são, habitualmente, lobrigadas, admitidas e assimiladas pelos governantes, supostamente responsáveis, e pelos especialistas académicos... ou que, sendo-o (teoricamente), acabam por ser postergadas, em benefício inercial de 'arranjos' de ocasião, como se estes fossem suficientes para os graves problemas, ininterruptamente acumulados...).

1. — Não são três ou cinco árvores caídas, que é preciso arrancar e substituir. É, afinal, toda a **Floresta** (às escalas ocidental e mundial) que foi apanhada por um **Incêndio** global monstruoso!... A partir das últimas duas décadas e meia, estigmatizadas pelo *Neoliberalismo capitalista planetário*, actuando sem freios nem rede.

2. — O **Paradigma** (político e sócio-económico) perdido ainda se pode conhecer, intuir e lobrigar, na história mais recente, ocorrida no encaço do *terminus* da IIª Guerra Mundial: a Carta da **O.N.U.** (Organização das Nações Unidas) de 1945; a reconstrução dos Países devastados pela Guerra, segundo a gramática de *John Maynard Keynes* (recordam-se do *Plano Marshall*, aprovado pelo Congresso norte-americano, em 1948?); o *padrão ouro* como ancoradouro (seguro e objectivo) do Comércio Internacional, que uma pesporrente e arbitrária decisão de R. Nixon eliminou de cena em 1971; a prosperidade conseguida durante 'os Trinta Gloriosos' (1945-1985), com os Estados a funcionar segundo o indiscutido **primado do político sobre o económico** (e financeiro); a promoção da **Democracia** e dos **Regimes democráticos everywhere**, pondo termo, finalmente, aos colonialismos tradicionais; — eis o essencial do Catecismo então seguido.

3. — Ora, hoje (2011), sabe-se, de ciência certa, em economia, política e ciências sociais, em geral, que as ajudas financeiras de emergência, atribuídas à Irlanda, Islândia, Grécia e Portugal, dentro da zona euro (17 países, dos 27 da U.E.), não irão resultar, nas actuais condições, como aparentemente se porfia em esperar...

acabarão por acarretar a ruína e o desmantelamento da chamada ‘moeda única’/o **Euro**. Os Juízes do Tribunal Constitucional da Alemanha (na 1ª semana de Julho/2011) já começaram, de algum modo, a intuir e a entrever o fenómeno. Será que a **U.E.** vai continuar ‘à espera de Godof’, sob a presunção de que as ajudas financeiras referidas irão mesmo resultar?!... A mediocridade política campeia, por toda a parte, como um Facto incontornável.

O próprio Joseph Stiglitz (Nobel da Economia em 2001) tem posições convergentes com a nossa Tese, ao estabelecer que os pacotes da ajuda financeira de emergência à Grécia e a Portugal são **absolutamente inadequados**. Porquanto, “**a principal razão para os défices destes países (como nos EUA) é a falta de crescimento, que reduz as receitas fiscais e aumenta as despesas. Manter o crescimento como fazem estes pacotes de austeridade é, por isso, contraproducente**” (Cf. ‘Sol’, 8.7.2011, p.56: p.18 Confidencial).

4. — John Maynard Keynes foi um economista que pensou (criticamente) a **Economia política**, ao nível das suas estruturas societárias pan-envolventes; ele foi o maior economista do séc. XX. Friedrich Hayek ou Milton Friedman são economistas que pensam a Economia ao nível da espuma das ondas, não se preocupando com outros dados a não ser os do efémero histórico.

O actual ministro das Finanças luso (Victor Gaspar), ao que parece (vd. ‘Visão’, 1ª semana de Julho), fez a sua formação académica, nutrindo uma predilecção especial por M. Friedman, em detrimento de **J.M.K.**. Muito provavelmente, será a dura e incontornável Realidade a reorientá-lo criticamente, se não lhe minguar a Consciência e a honestidade científica.

5. — O contemporâneo e famigerado ‘*Free Market*’ é uma **Falsidade pura**: ele é, na realidade, a universal **DITADURA** (imperialista) do **Dinheiro** sobre os Valores (de *uso* e de *troca*, na linguagem marxiana) da **Economia real**. Tudo a girar, segundo a sacrossanta religião do *Objectivo-Objectualismo*. **Dinheiro** e **Crédito** (financeiro) constituem, aí, a nova e ciumenta Divindade!... A Economia política real foi suplantada pelas **Finanças** e pelos **mercados financeiros**, a operarem, à escala transnacional e global, mediante a ‘natural’ (no Capitalismo) especulação bolsista e as Agências de *Rating* ao serviço dos Grandes Bancos e das Empresas multinacionais. Empresa que não se ache cotada na Bolsa perde estatuto, é como se não existisse. Eis por que é

absolutamente imperioso e necessário, em termos politológicos, regular, enquadrar e *'desautonomizar'* os **mercados financeiros**.

6. — O que predomina, neste horizonte do **Neoliberalismo capitalista global**, é a ingénua e santa *Ilusão* de que o ideário da **Democracia** progride e avança através do **Mercado**, do pseudo *'Free Market'*, através da pressuposta simples troca económica de mercadorias, bens e serviços!... A História já comprovou e revelou a falsidade desta grande *Ilusão*. Isto mesmo é conhecido, a partir da mais elementar gramática do **Psico-Sócio-Ánthropos**. O que acaba por sempre emergir é o poderio prepotente e a dominação sobranceira dos mais ricos e poderosos, das empresas mais lucrativas, dos Estados mais bem armados. O que, nesse horizonte, progride e avança é o movimento inexorável da crescente concentração (imperialista) dos diferentes Blocos de Estados-nações, com a salvaguarda, q.b., de duas ou três hiper-potências à escala planetária!...

7. — Não se pode esquecer que, ao próprio F.M.I. (institucionalizado pela Carta da **O.N.U.**, em 1945, como uma das 7 Agências Especializadas do *'Economic and Social Council'*) foram cometidas e atribuídas funções de ajuda financeira emergente, aos Estados ameaçados de bancarrota, mas sempre *em regime de respeito e salvaguarda da sua respectiva soberania*: **Primado**, pois, inquestionável, **do político sobre o económico**.

8. — Os Bancos devem, por conseguinte, funcionar como *intermediários* nas três grandes fases da **Economia real**: **produção, comércio e serviços, consumo**. Ou: **sector primário, sector secundário, sector terciário**. Ora, o **Neoliberalismo capitalista global** converteu a actividade bancária e os Bancos em *donos e senhores* de todo o universo económico. ... A tal ponto que, *v.g.*, os Estados endividados da U.E. não podem obter financiamento directo do B.C.E., — o que se afigura, pura e simplesmente, um absurdo redondo. Imaginem os 50 Estados dos **U.S.A.** a não poderem recorrer à *'Reserva Federal'*, em casos de emergência de *default* nas contas públicas!... Por isso, quando a *'Bolha do Imobiliário'* conduziu à falência real de alguns Bancos, os Governos dos Estados logo se apressaram a salvá-los com o argumento consabido: *'é demasiado grande para abrir falência'*!...

É precisamente neste contexto (severamente problemático...) que se tem de ver e julgar, moralmente, o despautério do **Tesouro Público do Estado** (essencialmente constituído pelos impostos e

contribuições dos cidadãos), ao procurar salvar da falência a Banca privada, como aconteceu com o 'Lemon Brothers' ou com o B.P.N., entre outros.

9. — Algumas medidas urgentíssimas (alvitradas ao longo dos quatro anos da **Crise** financeira global), que ainda não foram tomadas, generalizadamente e com impacto real no funcionamento da Economia:

A) Pôr termo a toda a sorte de 'off shores' ou *paraísos fiscais*.

B) Para além da *Taxa Tobin* sobre as operações de transacção de capitais, é preciso e urgente tributar, de modo adequado, os lucros (os super-lucros...) dos Bancos (com montantes surpreendentes nas últimas duas décadas). Esta exigência constitui um imperativo moral inadiável, cuja evidência resulta, por contraste, da simples existência dos chamados 'bancos do povo' (como, por ex., tem vindo a ocorrer na Índia).

C) Enquanto se mantiverem as 'Agências de *rating*', com funções — dir-se-ia — 'normativas', objectivamente direccionadas à especulação financeira/bolsista e aos investidores financeiros de risco, a **Ditadura dos mercados financeiros** constituirá um **Factum incontornável**; a **soberania dos Estados-nações** (médios e pequenos) encontrar-se-á sempre sob ameaça; os **regimes ditos democráticos** não passarão de uma impostura, (marionetes nas mãos do Capital...), destinada a enganar as populações, uma eterna mentira como foi, outrora, a do '*panem et circenses*' dos imperadores romanos.

10. — Ora, para que a gramática da **Democracia** e dos **regimes democráticos**, bem como as diferentes revoluções político-sociais, possam vingar e prosperar, é preciso e urgente regressar à (perdida...) **Carta da O.N.U.** de 1945 e à **Carta dos Direitos Humanos** (universais) de 1948. Implicadamente, regresso ao **primado do político sobre o económico**. E, à escala internacional, regresso à **igualdade jurídica entre os diversos Estados-nações**, independentemente do seu tamanho, potência bélica ou económica.

11. — Em regime capitalista sistémico, é, por princípio, de mau conselho dar corda às soluções (económicas) do tipo das P.P.P. (Parcerias público-privadas). Como é, igualmente, não-recomendável emagrecer significativamente o **Tesouro Público** do Estado, com o objectivo de resolver problemas do Défice orçamental e da Dívida pública. É óbvio que, sem investimento, não

pode haver *crescimento económico*... E, no que a este concerne, deve advertir-se que o seu *processus* é insuficiente (e falso, em derradeira instância...), enquanto ele não se revestir de formas de vero **Desenvolvimento económico**. Por isso mesmo, a Gramática da vera **Democracia** deve estar sempre presente.

12. — A pauta metodológica e axiológica a respeitar e a observar contínua e estruturalmente: Não haverá juízos certos e adequados, avaliações certeiras e justas, sobre os graves problemas do *Presente*, se não conhecermos e negligenciarmos a **História**, para nela os situarmos e inserirmos e, dessa feita, os podermos resolver adequada e eficazmente.

Guimarães, 8 de Julho de 2011.
Manuel Reis. (Presidente do **Centro de Estudos do Humanismo Crítico/CEHC**).